

A morte e o poema (breves notas, ecos)

Pedro Eiras

Universidade do Porto – ILC

Resumo

O que é uma comunicação académica, o que é uma dor não-académica? O que é uma comunicação de quinze minutos, e que laços estabelece com todo o tempo? O que é um pôr em comum, uma glosa de um poema? Por que razão o tema da morte é reescrito por António Ramos Rosa, Herberto Helder, Gastão Cruz, por que razão a morte de um poeta surge num poema de outro poeta, e esse surgir não pode ser académico?

Palavras-chave

poesia, morte, António Ramos Rosa, Herberto Helder, Gastão Cruz

Um dia, em 2017, Ana Marques Gastão convidou-me para falar de Herberto Helder e de António Ramos Rosa, numa homenagem aos dois poetas. E o convite – ou desafio – tinha duas regras: um tempo e um tom. O tempo era quinze minutos, quer dizer, um texto de cinco, seis páginas. Quanto ao tom, é mais difícil explicar. A poetisa, ensaísta e minha amiga Ana Marques Gastão pediu que o tom fosse informal, leve, não o tom de uma comunicação académica, no sentido solene e pesado do termo.

E lembrei-me logo de duas citações de Herberto Helder, precisamente Herberto Helder: um poema de 1963, intitulado *Comunicação Académica*, que é tudo menos uma comunicação académica, talvez seja até uma anti-comunicação académica e deva dina-

mitar as comunicações acadêmicas para sempre; por outro lado, um verso de *Servidões*, em 2013: “acautela a tua dor que se não torne académica” (Helder 2013: 110). Acho que poderia gastar todos os meus quinze minutos a falar deste verso, e não chegaria; eu precisaria de um tempo infinito, imprevisível, para falar deste verso. Portanto: “acautela a tua dor que se não torne académica”, mas também: acautela a tua vida, acautela a tua atenção, acautela a tua leitura da poesia, que se não torne académica, mesmo se ler é reler, e reler é repetir, e repetir está sempre na iminência da mecânica e do automatismo, mesmo se lês e relês os textos a ponto de já não os veres, repete então cada leitura como se fosse a primeira, e se não te perderes na desatenção do hábito cada leitura será mesmo sempre nova, sempre uma voz repetida e uma voz inicial, como num título de António Ramos Rosa, *Voz Inicial*, de 1961 – então, trata-se de acautelar a dor para que ela permaneça sempre inicial mesmo quando é repetida, seremos capazes disso, serei eu capaz de me não tornar académico?

Eu precisaria de um tempo infinito para reler este verso, e aqueles livros, um tempo que excedesse os quinze minutos académicos, que os excedesse infinitamente, e não tenho esse tempo, nem nestas páginas, nem sequer na minha vida. Posso dizer assim: estes versos, estes poemas não cabem na minha vida, são maiores do que ela, fazem rebentar os diques do meu tempo. Pois há nestes dois poetas uma desmesura essencial, um excesso, o apontar para um limite da nossa existência, in comportável. “Desmesura” quer dizer que a mesura do nosso tempo não chega para a voracidade do pensamento de Ramos Rosa, para o vórtice do corpo magnificado de Herberto. Parafraseando e invertendo versículos do *Eclesiastes*, com uma liberdade talvez um pouco herética, eu diria assim: não há um tempo para tanto pensamento e não há um tempo para um corpo tão magnífico, não há um tempo para esgotar o ciclo do cavalo e não há um tempo para cumprir as servidões, não há tempo que chegue para viajar por toda a nebulosa e não há tempo suficiente para viver todo o corpo o luxo a obra. E se todo o tempo não cabe apenas numa vida humana, que fará em quinze minutos apenas – que se vão já escoando, tão depressa?

Mas a culpa não está nos quinze minutos, o problema é mais fundo. Quando leio versos como “Não posso adiar o amor para outro século” ou “Dai-me uma jovem mulher com sua harpa de sombra”, o tempo que estes versos de Ramos Rosa e de Herberto pedem não é da mesma substância que o tempo dos nossos relógios ou o tempo das nossas vidas. Dai-me, agora, uma jovem mulher, pois não posso adiar o amor senão para este século, senão para agora, e este agora do desejo é radicalmente novo. A nossa vida

está subordinada ao tempo; mas quando escrevemos o poema somos nós que subordinamos o tempo à nossa vida, através da palavra. Dito de outro modo: o poema é o modo como tocamos no tempo, como o fazemos nosso, como o retiramos à medida certa e o reinventamos na sua desmesura, outro nome para o desejo. O poema desfaz a burocracia das horas, a certidão do relógio, a academia – sim, o poema acautela o seu tempo que se não torne académico.

De qual tempo poderei então falar, eu, durante os meus quinze minutos, de que tempo inventado pelo poema? Talvez possa falar de um tempo apenas, um tempo específico, que surge em muitos poemas de António Ramos Rosa, de Herberto Helder, e sobretudo nos últimos livros, o tempo da morte.

Direi, então, e esta será a minha primeira premissa, que o tempo da morte nos domina; que a morte nos confronta, nos limita, se impõe a nós; mas também direi que, quando o poema nomeia a morte, é o poema que dá tempo à morte, que lhe define o sentido e a oportunidade. No poema, deixa de ser a morte a definir o ser humano, é o poeta que define a morte, no instante em que ela fica nomeada, no instante em que ela se converte em nome dito. Eis agora a minha segunda premissa, ou hipótese: a morte é solitária. Ninguém pode morrer a morte de outrem, a morte pertence sempre àquele que morre, sempre única e impartilhável. E contudo também tentarei rever esta premissa à luz do poema, pensar uma escandalosa excepção, a possibilidade de se reinventar não apenas um tempo próprio mas também uma morte partilhável, uma morte que não seja apenas de quem morre, a morte num espelho.

Leio então um livro de António Ramos Rosa, *Em Torno do Imponderável*, leio um breve poema na íntegra:

Ninguém morre
como se chegasse
ao fim da vida
A morte é sempre um corte
extemporâneo
(2012: 23)

A morte é extemporânea, fora do tempo, diz o poema, e ao dizê-lo transfigura de facto a morte no que ela não era e é doravante, corte inesperado, artificial. Recordo outro título: *Estou Vivo e Escrevo Sol* – estou vivo e o meu estar vivo é escrever, escrevo a minha vida

e é nessa escrita que invento o meu tempo, um tempo maior do que o tempo da vida sempre extemporaneamente cortada, interrompida, rasgada. Não é apenas uma fusão entre vida e escrita – é também escrita da vida e até escrita da morte, protesto contra a morte e redefinição dela por palavras, assim: “A morte é”, aliás, “A morte é sempre”, não a lei das coisas, não a medida, não o facto, mas sim “um corte / extemporâneo”, cedo demais; e o poema, um protesto.

No mesmo livro, na página seguinte, a mesma correcção:

Demos uma possibilidade
ao cadáver que seremos
deixando-o flutuar como um carvão
no espaço de uma indolência vaga
como se nos tivéssemos libertado
da repressão da morte
(2012: 24)

Não se trata daqueles que “se vão da lei da morte libertando”, como em Camões; nenhuma procura de uma fama futura. Trata-se de uma pesquisa a sós, contemplação serena da morte, do cadáver no corpo ainda vivo. *Memento mori*, sim, mas sem *pathos*; e tranquila meditação filosófica, que não é simples aceitação de um destino, nem furioso ataque contra ele, mas exercício de invenção da morte e do corpo morto. Exercício extremo: sem repressão e sem pulsão suicida, sem ressentimento e sem masoquismo, não atrasando nem adiando o “cadáver que seremos”. Sê-lo-emos decerto, como sabe o poema, mas o poema não é apenas saber de um facto; é também activa invenção: “Demos uma possibilidade / ao cadáver que seremos / deixando-o flutuar”...

O poema inventa a morte, sim. Mas que farei da minha segunda hipótese, daquela solidão impartilhável da morte, que não permite retirar a morte à gramática de quem a diz? Cito um dos *Poemas Canhotos* de Herberto Helder, também na íntegra:

o António Ramos Rosa estava deitado na cama contra a parede
e deu meia volta sobre si mesmo
e ficou de cara voltada contra a parede
e fechou os olhos
e fechou a boca

e ficou todo fechado
e então morreu todo
fundo e completo de uma só vez
e apenas ele no tempo e no espaço
e só agora passado ano e meio eu compreendo
como era preciso ser assim tão íntimo para sempre
tão compacto
mais que o mundo inteiro
– e ele sou eu
(2015: 39)

Os quinze minutos escoam-se tão depressa nestas páginas, já não sei se terei tempo para reler este poema, e a dor que nele existe, acautelada que se não torne académica, e não torna: por mais que releia, é sempre dor. E, claro, há um ritual – “e fechou os olhos / e fechou a boca” – mas é mais do que um inventário de gestos, uma medida do corpo, é uma comovente poética de morte, um fazer de si, “todo / fundo e completo de uma só vez”, mas já nem sabemos bem que gestos pertencem a António Ramos Rosa, que palavras pertencem a Herberto Helder, e como as palavras de Herberto definem a morte de Ramos Rosa, poeta que escreveu ele próprio palavras que definiam a morte, já não sabemos bem quem inventa qual corpo, que poética faz qual morte de quem, e quem ensina e quem aprende que “era preciso ser assim tão íntimo para sempre / tão compacto / mais que o mundo inteiro”, quem ensina involuntariamente a morrer, quem assume as palavras da lição e as reinventa outra vez – até que o poema termina, com um verso muito breve, irredutível, assim: “– e ele sou eu”.

E estas breves palavras num breve verso ecoam ainda tantas outras, tantos jogos de espelhos, de diferimentos, que vão da exuberante possessão de Rimbaud – “je est un autre” – a uma frase de Llansol – “este é eu, e eu sou ele próprio”. Quando se escreve “– e ele sou eu”, de quem é a morte – de quem a vive, de quem a escreve?, ou a morte será de quem a toma pela escrita, de quem a vive no corpo do outro, de quem a cita como texto alheio enraizado no texto pessoal, confundidos os dois num só, pois já não há eu nem ele, se “ele sou eu”, aqui e agora.

Mas este breve verso nada termina; pelo contrário, ele obriga a recomeçar a leitura, noutro livro, de outro autor. Cito um poema de Gastão Cruz, em *Existência*:

VISÃO DE HERBERTO HELDER DA MORTE DE ANTÓNIO RAMOS ROSA

cf. HH, *Poemas Canhotos*

António ramos rosa cuja morte
herberto viu sem a ela assistir
estava, segundo o testemunho obtido
através da visão vinda num frio
relâmpago, deitado numa cama
a dele, contra a parede

Há que dar meia volta com a cara
contra a parede para entrar na morte
totalmente
isso aprendeu herberto e compreendeu
ao ver-se nessa morte em que não estava
que se via num espelho
(2017: 61)

Eis alguns lugares que se repetem: o corpo, a morte, a escrita; e também a escrita da morte e do corpo, o eu e o outro, o vivo que vê a morte do outro sem assistir a ela, e ainda uma terceira voz, agora, a de Gastão Cruz, vendo aquele que vê aquele que vive a morte, e nós lendo Gastão que lê Herberto que lê Ramos Rosa que lê por seu turno tantos autores de que não falarei, não aqui, não agora. E poderíamos pensar essa sequência ao contrário, o modo como tantos poetas ensinam Ramos Rosa, que ensina Herberto, que ensina Gastão, que nos ensina agora, a nós, esta teoria da solidão e do encontro: “isso aprendeu herberto e compreendeu / ao ver-se nessa morte em que não estava / que se via num espelho”. Eis o que se aprende na morte do outro: a morte própria. Pois não há outro, mesmo quando há muitas vozes: o que o poema ensina é da ordem do espelhamento (e, nesse reconhecimento, do mais fundo estranhamento).

Claro, a morte é individual. Mas que seja impartilhável – já não sei. Diria que algo da morte do outro se transforma, através do poema, na vida do eu; diria que não há eu sem o outro, que a medida da vida e da morte não estão em cada qual mas difusas, transmitidas, que apenas é próprio o que é alheio, e alheio o que é próprio; diria, sobretudo, que

isto se faz num poema, em poemas, que a escrita é o lugar onde a experiência singular se multiplica, e se pode morrer e viver através de outros corpos e nomes e escritas. Por isso é importante já não sabermos bem quem fala, quem experiencia, de quem é o poema e de quem é a morte, e que morte nós próprios, leitores, ouvintes, atravessámos através destes poemas, ou talvez poema contínuo que se reescreve de mão em mão, sempre o mesmo poema e nunca igual, rebelde à fixação das identidades e das propriedades, impedindo-nos de dizermos: eis a minha morte, ou: eis o meu corpo, ou: eis a minha linguagem. Pelo contrário, este poema, estes poemas obrigam-nos a desconhecermos os nossos limites, o catálogo das nossas experiências, a ordenação dos nossos sentimentos. É também por isso que a poesia acautela a nossa dor que se não torne académica: pois já não sabemos de quem é a nossa dor em nós, ou que morte morremos quando morre alguém que amamos.

NOTA

¹ Uma primeira versão deste texto foi lida no *Dia Literário Herberto Helder e António Ramos Rosa*, organizado pelo Centro Nacional de Cultura, no Centro Cultural de Belém, a 4 de Novembro de 2017. Ao preparar o texto para publicação, apercebo-me de que as marcas da oralidade – quero dizer, a consciência da circunstância, da interlocação, de uma procura incerta – não podem ser apagadas. Elas manifestam, precisamente, a hesitação “não-académica” que tentei perseguir. Por isso o texto deve ficar assim: trémulo, endereçado, pontual, tanto quanto possível rente a uma data e a um lugar, a uma experiência, a uma hesitação.

Bibliografia

- Cruz, Gastão (2017), *Existência*, Porto, Assírio & Alvim.
Helder, Herberto (2013), *Servidões*, Porto, Assírio & Alvim.
-- (2015), *Poemas Canhotos*, Porto, Porto Editora.
Rosa, António Ramos (2012), *Em Torno do Imponderável*, s/l, Licorne.